



## Um *Lead* para a Crônica<sup>1</sup>

Márcia de Oliveira PINTO<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

### RESUMO

Buscamos, neste artigo, compreender o gênero crônica, orientados pelo critério jornalístico do *lead*: O que é uma crônica? O que caracteriza sua linguagem? Quem são os cronistas? Quais os tipos de crônica e como classificá-las? A fundamentação teórica se ancora em Arrigucci Jr (1987), Beltrão (1980), Bulhões (2007), Candido (1992), Pereira (2004), Portella (1976), Melo (2003), Sant'Anna, Sá (1987) e Moisés (1997). Este estudo pretende trazer à tona conceitos, na maioria das vezes, envoltos em preconceitos que ainda cingem esse gênero *sui generis*. Tem caráter bibliográfico e procura auferir, à crônica, um farol sobre as polêmicas teóricas que envolvem sua manifestação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; Jornalismo; Literatura; Gêneros.

### INTRODUÇÃO

A palavra inglesa *lead*, no jornalismo, é utilizada para designar o início da matéria jornalística, especialmente o primeiro parágrafo, onde se introduz os principais fatos ao leitor de forma objetiva e sintética. Esse procedimento começou a ser utilizado na década de 60 pelos americanos e tinha como finalidade a busca pela objetividade no relato jornalístico, elencando logo no início do texto os critérios mais relevantes que circundam o fato.

O *lide*, conforme nos explica Pena (2005, p.18), responde às perguntas fundamentais: o que, quem, como, onde, quando e por quê. Basicamente seu objetivo é: 1. Apontar a singularidade da história contada; 2. Informar sobre um acontecimento; 3. Apresentar lugares e pessoas de importância para entendimento dos fatos; 4. Oferecer o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN e doutoranda na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, e-mail: [marciadeopinto@hotmail.com](mailto:marciadeopinto@hotmail.com)



contexto onde ocorreu o evento; 5. Provocar no leitor o desejo de ler toda a matéria; 6. Articular os elementos constitutivos do acontecimento; 7. Resumir a história, de forma objetiva e sintética, sem perder a articulação.

Guiados por esse critério jornalístico de composição da matéria, buscamos, a fim de melhor elucidar a questão, responder a quatro perguntas básicas, porém ainda pertinentes, sobre o gênero: 1. O que é uma crônica? 2. O que caracteriza sua linguagem? 3. Quem são os cronistas? e 4. Quais os tipos de crônica e como classificá-la?

A crônica, como a conhecemos hoje, é um texto, via de regra, escrito para ser publicado em um periódico, jornal ou revista, relacionado à atualidade e que se destina a suprir a necessidade diária de informação do leitor.

Desde sua origem, quando designava uma relação de acontecimentos organizados cronologicamente e com abundância de pormenores, passando pelo folhetim no século XIX até sua configuração nos dias atuais, ela continua a suscitar muitas discussões e todas elas ainda convergem para a questão controversa dos gêneros literários: Ela é um gênero literário ou jornalístico? É maior ou menor? Transitório ou permanente?

As controvérsias que giram em torno da crônica tem origem no suporte que dá vida ao gênero e, por isso, seu local de nascimento, o periódico, inevitavelmente preso ao tempo e condenado à transitoriedade. Ademais, há de se considerar também a própria ambiguidade que é característica do gênero. Com as leituras realizadas discutimos essas controvérsias sobre esse gênero híbrido e portador de uma natureza *sui generis*.

Nosso arcabouço teórico elege tanto nomes ligados a Teoria Literária, quanto dos estudiosos da Comunicação, ambos, indubitavelmente, interessados no gênero crônica.

### **1. O que? Serve de dois senhores**

As discussões geradas pela crônica convergem sempre para a questão controversa dos gêneros literários. Ela seria um gênero da Literatura ou do Jornalismo? Um gênero maior ou menor? Essa necessidade de classificação nos parece arriscada e, quiçá, desnecessária, se considerarmos a instabilidade com que se apresenta o próprio sistema genérico. Entretanto, parece ainda haver uma necessidade de legitimação do gênero. Ainda se discute se ela é um texto literário ou jornalístico.



Nos manuais de literatura ela é um texto jornalístico que pode se transformar em literário desde que considerando algumas questões estéticas. Nos manuais do jornalismo, ela é o comentário jornalístico que pode utilizar recursos de linguagem próprios da literatura. Pereira (2004, p.28) chama atenção para o conceito de crônica que encontramos na maioria dos manuais de literatura. Segundo ele, os conceitos partem geralmente de uma preocupação em enfatizar o estilo do autor, em que se cobra do cronista dotes poéticos ou habilidade de ficcionista para garantir legitimidade ao texto, de modo que as características da crônica só serão reconhecidas a partir de sua “natureza literária”.

Para Candido (1992, p.13) a crônica não é um gênero maior. O referido autor diz que sua composição é solta, pairando sobre a mesma “um ar de coisa sem necessidade”, despretensiosa. Ele fala com simpatia da prática da crônica e ressalta nomes de grandes mestres de nossa literatura, embora afirme:

Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhes dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor. (CANDIDO, 1992, p.13)

Sobre a questão dos gêneros, Todorov (1978, p.52) ressalta as transformações ocorridas no século XIX com a crise do romantismo e a construção dos sistemas genéricos. Para este autor, os gêneros existem como instituição e funcionam como “horizontes de expectativa” para os leitores e como “modelos de escritura” para os autores. Da mesma forma, Wellek e Warren (1976, p.282) também observam a literatura como uma instituição e a teoria dos gêneros como um princípio ordenador. “Manter-se-ão fixos os gêneros? Não, presumivelmente. Com a adição de novas obras, as nossas categorias deslocam-se”.

Devido à divergência de concepções, desde a antiguidade até os nossos dias, a questão dos gêneros tem sofrido muitas mudanças históricas e essa dificuldade de conceituação advém da própria dificuldade de definir seu objeto: a literatura. Classificar a crônica como *maior* ou *menor* em um sistema genérico que se apresenta instável, parece, portanto, uma tarefa ociosa. Essa questão hierárquica acaba por gerar entendimentos equivocados, onde *maior* e *menor* adquire status de qualidade literária. Ressaltamos a posição de Sant’Anna (2000, p.201) quando afirma que “não há gênero menor. Há pessoas menores e maiores diante de certos gêneros”. Neste sentido,



observamos o que diz Freitas (2002, p.VII): “Há textos publicados em jornais (e que lá ficam tumularmente dispersos) que possuem muito maior qualidade lexical e muito mais literariedade do que muitíssimos livros ditos de ficção”.

É possível que essa discussão *menor versus maior* seja resquício de um debate antigo acerca das relações, nem sempre pacíficas, entre a narrativa jornalística e a literária, o jornalista e o escritor e a convivência entre eles, o que gerou e gera apologéticas discussões, questionamentos e controvérsias em torno dessas duas modalidades discursivas.

Se há opiniões teóricas contundentes quando se trata de refletir sobre a existência de um gênero jornalístico como sendo literário, estas parecem arrefecerem no caso da crônica, muito embora essa “aceitação” parta de definições reducionistas, cheias de preconceitos, o que acaba por gerar muita discussão.

No momento em que a crônica passa a habitar os cânones da literatura, surgem algumas definições redutoras, colocando-a numa posição de confronto diante dos “gêneros maiores” da literatura. Estas leituras simplificadoras podem até ajudar os leitores menos curiosos a aceitar a crônica como sendo um gênero transitório que precisa se apoiar nas diversas formas da linguagem para assumir característica própria. (PEREIRA, 2004, p. 26)

Verificamos que mesmo diante das polêmicas que envolvem a natureza literária ou não da crônica, ela é um gênero fiel no dia a dia das pessoas, seja no periódico, nas coletâneas ou no livro didático. Talvez, tal presença se justifique pela acessibilidade da qual fala o próprio Candido (1992, p.14):

... a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.

Destacamos Pereira (2004, p.31–32) quando informa que a crônica é avaliada como literária apenas a partir da forma discursiva que predomina no texto de determinados cronistas.

Nos compêndios de Teoria Literária, geralmente, se confunde a prática textual do cronista com a do romancista, do contista ou poeta, sempre colocando a crônica numa medida cuja extensão será um determinado gênero literário. Neste caso, não se leva em consideração as contradições que a crônica instaura no espaço jornalístico, mas apenas o grau de literariedade predominante no texto de alguns cronistas.



Se o cronista consegue ultrapassar os limites impostos pela denotação e pela conotação, estará colocando a crônica além das exigências referenciais do texto jornalístico e do grau de literariedade de algumas formas narrativas. Portanto, a crônica não se define pela natureza referencial das matérias jornalísticas nem tampouco se estabelece a partir de modelos literários.

Moisés (1997, p.246) chama atenção para a diferença que existe: “uma coisa é escrever *para* o jornal, e outra, bem diversa, publicar *no* jornal”. Confirmando, portanto, a análise de Pereira (2004, p.31-32), onde o foco da questão é o autor do texto.

Para Coutinho (1995, p.304), o importante é destacar a personalidade da crônica em nosso país, o que faz dela uma forma literária de requintado valor estético, um gênero específico e autônomo, conforme acrescenta Portella (1976, p.154) ao chamar a atenção para o valor da crônica. “De um instrumento de comunicação amorfo e incolor converteu-se num gênero literário extremamente matizado”.

Seria injusto, portanto, reduzi-la a um apêndice do jornal como diz Arrigucci Jr (1987, p.53), considerando o seu percurso extremamente significativo e o caráter autônomo que ela adquiriu no Brasil.

E de todas as opiniões, destacamos:

Eis; pois, como a define Manuel Antonio Pina: “A crônica é um gênero vulnerável, de inseguro governo (...) é serva do jornalismo e desprende-se dificilmente da notícia. Ao mesmo tempo, porém, no seu inconstante coração pulsa a nostalgia da literatura e da confessionalidade. Por isso a crônica está condenada à infidelidade e à duplicidade. Para ficar de bem consigo mesma, há-de ficar de mal tanto com o jornalismo como com a literatura. O jornalismo nunca lhe perdoará a sua vocação para a digressão e para o excesso, e a literatura a sua torturada ligação aos factos e aos acontecimentos”. (FREITAS, 2002, p.61)

## **2. Onde e quando? Entre o tempo, o fragmento e a poesia**

No início da era cristã, segundo Moisés (1997, p.245), a crônica designava uma lista ou relação de acontecimentos organizados cronologicamente. Os relatos com abundância de pormenores ou que os situavam numa perspectiva individual da História recebiam a denominação de “crônica”. Etimologicamente, a palavra vem do grego *Chronos* e significa tempo. Nessa acepção, ela é uma narração de episódios históricos dispostos em ordem cronológica.



É certo que o termo passou por transformações ao longo dos séculos, entretanto a noção cronológica parece-nos ainda ser a companheira fiel de toda a trajetória do gênero até os dias de hoje.

É esse sentido de relato cronológico que acompanha a trajetória do gênero até os dias atuais, mesmo considerando a amplitude semântica que o gênero ganhou, de relato histórico e temporal para uma escrita capaz de abordar as relações fragmentadas do mundo moderno, cujo modo de compreensão não tem como instrumento apenas o código literário, mas a compreensão de uma nova ordem de enunciação imposta pela sociedade industrializada, conforme nos diz Pereira (2004, p.23)

No Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel, encontrada em 1773, na Torre do Tombo, é considerada por Sá (1987, p.05) como a nossa primeira crônica. Nela, o autor registra cronologicamente as circunstâncias relacionadas ao Descobrimento do Brasil. A carta, para ele, é “nossa certidão de nascimento” e criação de um cronista no melhor sentido literário do termo. Segundo Sá, esta carta delimita o marco inicial de uma linguagem livre dos padrões lusitanos e o começo da estruturação textual da crônica, quando a paisagem brasileira serve de cenário para o despertar do cronista na descrição de pormenores, de detalhes... Neste sentido, a crônica seria “o registro do circunstancial”, pois o mais importante nesse momento da história era a organização cronológica dos fatos de forma fiel às circunstâncias, de modo que todo relato só teria legitimidade, neste sentido, se estivesse organizado sob a cronologia dos acontecimentos. Nessa acepção histórica, segundo Arrigucci Jr (1987, p.52), o cronista é um mero narrador da História.

Em 1800, segundo Moisés (2002, p.132), a crônica teria sido inaugurada no Brasil pelo francês Jean Louis Geoffroy no *Journal des Débats*, onde periodicamente imprimiam *Feuilletons*, no Brasil, “folhetim”.

Os primeiros cronistas começam a surgir com o Romantismo. Meyer (1992, p. 96) informa que o *Le feuilleton* designava um lugar específico do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Este espaço tinha uma finalidade específica no jornal: abrigar o entretenimento, uma espécie de “vale-tudo”, destinado ao entretenimento, onde alguns conteúdos começam a se rotinizar e onde a crônica se insere.

É o *feuilleton dramatique* (crítica literária), *littéraire* (resenha de livros), *variétés*, e “*cosi via*”. As mesmas rubricas com as mesmas



funções e a mesma liberdade existem não só nos jornais diários, mas se estendem às revistas periódicas. (MEYER, 1992, p.97)

Neste momento, a crônica se desvencilha da noção unicamente histórica e temporal e busca um enriquecimento estético ao agregar elementos próprios da literatura que irão habitar sua composição.

Passa a ter a sua ênfase centrada na linguagem literária, sem pretender organizar os fatos de forma cronológica. Na “ótica” literária, a crônica consegue conjugar várias formas de expressão no mesmo espaço textual. (PEREIRA, 2004, p.25)

O folhetim nasce como uma mercadoria, como observa Pereira (2004, p.38). “Dá aos jornais o primeiro caráter de ‘literatura de massa’ e a possibilidade de popularizar a leitura.” Com a adesão dos grandes escritores da época que recorriam à imprensa como fonte de sustentação e também como uma oportunidade para conquistar um público permanente, o folhetim era oferecido de forma fragmentada, em pequenas fatias, embrião das telenovelas atuais. E essa prática é resultado de um planejamento jornalístico cujo objetivo é mercadológico, visava aumentar o número de leitores dos jornais. Meyer (1992, p.99) afirma que praticamente todos os romances da época passam a ser publicados dessa forma, em *folhetim*. Ele foi responsável por um processo de democratização da cultura, promovendo o acesso à Literatura ao grande público através dos jornais.

E foi justamente no século XIX que a influência da Literatura no Jornalismo tornou-se mais visível. O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária. (PENA, 2006, p.32)

Porém, é importante destacar que o folhetim não tinha as características da crônica de hoje. Aos poucos, ela foi ganhando os contornos que a tornaria um gênero autônomo, desvencilhando-se da seção de variedades de que trata Meyer (1992, p.96).

Portanto, foi no século XIX, que o conceito de crônica se ampliou. O cronista desse século observa e absorve os ideais do mundo moderno e começa a reestruturar seus escritos, conforme diz Pereira (2004, p.23), fazendo com que o texto possa ir além da concepção historicista e temporal e com isso revele não apenas as marcas do literário como sinônimo de crescimento do gênero, mas possa buscar novas formas de expressão para obter unidade estética no exercício da crônica.





A partir do século XIX, a crônica passa a focalizar as relações fragmentadas do mundo moderno, cujo modo de compreensão não tem como instrumento apenas o código literário.

É Candido (1992, p.17) quem sugere o marco histórico da crônica: “Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil.” Esta crônica que se aplica no Brasil a partir da década de 30 tem em Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino os principais nomes e representantes de uma continuação do gênero que Machado de Assis e José de Alencar havia inserido em nosso jornalismo.

Portanto, a produção de crônicas nesta época vai se adequar “a palpação e a agilidade” de um jornalismo que se transforma como diz Melo (2003, p.155). Ela não é estranha ao jornal, mas faz parte dele como elemento necessário a edição noticiosa, captando “com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística”.

### **3. Quem? Um escritor crônico**

O cronista, advoga Sant’Anna (2000, p.205), é um escritor crônico, encharcado de seu tempo, ele escreve com “o cronômetro na alma” as ninharias do dia-a-dia, os flagrantes diários, a impressão poética das coisas. Seu alimento é o mundo real. É nele que o cronista pauta sua inspiração cotidiana e encontra os motivos e as motivações para escrever um texto por dia obedecendo ao ritmo frenético da rotina jornalística. Sua elaboração se prende a urgência jornalística de tempo e espaço. Nesse contexto regido por *Chronos*, o cronista dispõe de pouco tempo e exercita, no limite, sua capacidade criadora. À pressa de escrever, se junta a de viver, como diz Sá (1987, p.10), pois os acontecimentos são céleres e o cronista precisa ser capaz de acompanhá-los. Por isso, compete ao cronista ter boas ideias, compô-las e submetê-las a apreciação do público leitor como diria Machado de Assis (1997, p.395), uma vez que, para o “prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino” e sua rotina produtiva se baliza, conforme explica Moraes (1991, p.17) em sentar diante da máquina, acender um cigarro, olhar através da janela e buscar um fato, seja pescado do noticiário matutino ou da véspera.

Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocional despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da





falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado. (MORAES, 1991, p.17)

Ao contrário dos fatos que emergem independente de nossa vontade, a crônica depende do cronista para existir. E nessa rotina jornalística, há “momentos em que a crônica teima em não sair, claramente por falta de assunto, gerando-se no limite a situação embaraçosa” (ARRIGUCCI JR, 1987, p.56). Essa “falta de assunto” ou de inspiração, recorrente a todo profissional que trabalha com a escrita, de tão recorrente já se tornou tema célebre para a crônica.

Quando Rubem Braga não tinha assunto, ele abria a janela e encontrava um. Quando não encontrava dava no mesmo, ele abria a janela, olhava o mundo e comunicava que não havia assunto. Fazia isso com tanto engenho e arte que também dava no mesmo: a crônica estava feita. (CONY, 1999, p.118)

Diante da ausência do fato, da circunstancia imediata, considerando seu vínculo com o jornalismo, o cronista, na sua capacidade criadora e com o seu toque de lirismo reflexivo, capta um instante singular que faz parte da condição humana e lhe confere sentido. A crônica registra “os instantâneos da vida moderna”, as transformações, as novidades, os encontros e desencontros, as miudezas diárias, o lado oculto das coisas imperceptíveis. O cronista dissecar a vida e a serve na bandeja.

De Rubem Braga a Luís Fernando Veríssimo, passando por Machado de Assis e João do Rio, o olhar do cronista sobre o mundo é esse, de certo estranhamento, de tentar descobrir (e achar) as fissuras do real, o que parece invisível para a maioria das pessoas. (MENEZES, 2002, p.165)

É por meio de histórias e metáforas que os cronistas tentam definir seu ofício. Fernando Sabino relata:

Éramos três condenados à crônica diária: Rubem Braga no *Diário de Notícias*, Paulo no *Diário Carioca* e eu no *O Jornal*. Não raro um caso ou uma ideia, surgidos na mesa do bar, servia de tema para mais de um de nós. Às vezes para os três. (WERNECK, 2005, p.9)

Carlos Eduardo Novaes (2003, p.08) descreve a literatura como um pomar e assemelha a crônica à laranja devido a sua popularidade e variedade. “As crônicas, como as laranjas podem ser doces ou azedas; consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa, ou virar suco, espremidas nas salas de aula”. Vinícius de Moraes (1991, p.18) acredita que “o público não dispensa a crônica, e o cronista afirma-se cada



vez mais como o cafezinho quente seguido de um bom cigarro, que tanto prazer dão depois que se come”. Já Affonso Romano de Sant’Anna (2000, p.202) abraça a fórmula de São Simeão, um santo estilista que passou trinta anos no alto de uma coluna meditando e pregando no deserto.

Carlos Drummond de Andrade (BENDER e LAURITO, 1993, p.26) esclarece aos leitores que não foi contratado para “esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo”.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o seu direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomeçar no dia seguinte, sem obrigação de sequencia. A informação apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. (BENDER e LAURITO, 1993, p.27)

Concordamos com Menezes (2002, p.168), ao cronista compete “seduzir o leitor, aproximar-se dele, tornar-se íntimo dele, transformar-se naquele cara que é procurado quando a pessoa enfrenta momentos difíceis”.

#### **4. Como e por quê? Movediça e caleidoscópica**

A crônica se apresenta como um texto literário dentro do jornal na opinião de Coelho (2002, p.156), e que sua função é a de ser uma espécie de avesso, de negativo da notícia. Para as notícias, o convencimento de sua verdade é crucial diante do leitor, enquanto que a crônica faz o percurso inverso. Ela vai sempre argumentar em favor da desimportância das coisas, pois ela não tem a pretensão de mudar o mundo. No jornal, ela serve de contraponto as notícias sérias e graves, permitindo que o leitor possa respirar, relaxar, pensar um pouco e ir além da mera informação.

Arrigucci Jr. (1987, p.52–53) considera que, no Brasil, a crônica não é um apêndice do jornal, mas reconhece sua influência europeia. O referido autor acrescenta que a crônica brasileira tem uma história específica e bastante expressiva no espaço da produção literária.

Às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem vôo. Outras vezes, a

tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente: ela pode se confundir com o conto, a narrativa satírica, a confissão. Outras ainda, como em tantos casos conhecidos, constitui um texto difícil de classificar: é... crônica. (ARRIGUCCI JR, 1987, 55-56)

A crônica passeia com desenvoltura pelo poema, pelo conto, pelo ensaio, pelo debate, pela argumentação, dialoga com a reportagem, o comentário, a confissão e então se apresenta como ela é, anfíbia por natureza. Essa característica acaba por dificultar um registro tipológico definido e preciso, como anseiam os maniqueístas de plantão.

Mesmo diante da dificuldade de atrelar a crônica a uma receita pronta, há na literatura especializada tentativas de classificação. Encontramos a proposta de Beltrão (1980, p.67) que parte de um critério jornalístico e propõe duas classificações. Segundo este autor, é possível classificar a crônica quanto ao tema e quanto ao tratamento que lhe dá o cronista. Beltrão notifica que a variedade temática é o que caracteriza os diferentes tipos de crônica no jornalismo moderno. Neste sentido, ele elenca: 1. Quanto à natureza do tema, ela pode ser: a) Geral; b) Local e c) Especializada; 2. Quanto ao tratamento dado ao tema: a) Analítica; b) Sentimental e c) Satírico-humorística.

A proposição de Coutinho (1995, p304), parte de uma tipologia literária: crônica narrativa, crônica metafísica, crônica-poema-em-prosa, crônica-comentário e crônica-informação.

Moisés (2002, p.133) busca uma correspondência com os gêneros literários e a classifica como expressão literária híbrida ou múltipla, de vez que pode assumir a forma de alegoria, necrológio, entrevista, invectiva, apelo, resenha, confissão, monólogo, diálogo em torno de personagens reais e/ou imaginários. E Candido (1992, p.21) destaca as diferenças na estrutura da narrativa entre os modernos cronistas brasileiros e orienta-se pela estrutura da narrativa.

Concluimos pelo fim dessa perspectiva classificatória, incapaz de deter a pluralidade presente no gênero. O diálogo existente entre o jornalismo e a literatura rompe suas fronteiras tão tênues e nos fornece resultados estéticos significativos, gerando uma discussão interessante sobre a questão dos gêneros. Neste sentido, observamos como as tentativas de classificações são frágeis e relativas. Porque no fundo o que interessa mesmo é “a excelência estética” como afirma Ventura (2001, p.44).

É importante destacar o caráter múltiplo, movediço e camaleão, por excelência, que faz da crônica um gênero singular e nobre de sentidos. Um verdadeiro caleidoscópio, onde sua vocação não está no âmbito da explicação cartesiana, mas do



deleite e da admiração e longe da “camisa-de-força teórica que divide o mundo em abstrações do tipo literatura maior e menor”, como afirma Raquel de Queiroz (SANTOS, 2007, p.22)

Portanto, como vimos, a crônica é de definição escorregadia e, deste modo, pela abertura que manifesta, nos parece prudente e razoável concordar com Mario de Andrade, parafraseando-o: será crônica tudo que o autor chamar de crônica.

## REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Volume III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BENDER, Flora; LAURITO, Ilka. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e Literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COELHO, Marcelo. Notícias sobre a crônica In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.

COUTINHO, Afranio. **Introdução à literatura no Brasil**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FREITAS, Helena de Sousa. **Jornalismo e Literatura: inimigos ou amantes?** Contribuições para o estudo de uma relação controversa. Lisboa: Peregrinação Publications, 2002.

MELO, Marques de. **Jornalismo Opinativo**: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MEYER, Marlise. Voláteis e versáteis: De variedades e folhetins se fez a chronica In: CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: UNICAMP. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa. 13.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de termos literários**. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

MORAES, Vinicius. **Para viver um grande amor**: crônicas e poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras, 2002.



PENA, Felipe. **1000 perguntas**: Jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Wellington. **Crônica**: a arte do útil e do fútil. Salvador: Calandra, 2004.

PORTELLA, Eduardo. **Teoria da Comunicação Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 2001.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Teoria da crônica In: **A sedução da palavra**. Brasília: Letra viva, 2000.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. Lisboa: Edições 70, 1978.

VENTURA, Zuenir. Jornalismo e literatura: alianças e diálogos In: AZEREDO, José Carlos de (org.). **Letras & Comunicação**: uma parceria no ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

WELLEK, René, WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 3.ed. Nova Iorque: Publicações Europa-América, 1976.

WERNECK, Humberto. **Boa companhia**: Crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.